

Missas, aplausos e procissões: a música e o triunfo dos santos jesuítas em Portugal entre 1620 e 1737

ADRIANA LATINO

Considera-se habitualmente que a Companhia de Jesus pertence ao número das congregações religiosas que menos importância deu, ao longo dos tempos, à música. Esta convicção fundamenta-se, basicamente, na declaração de princípios contida nas Constituições de 1558 onde se dizia que, sendo prioritárias as tarefas de «auxiliar as almas» e sendo a residência dos padres da Companhia «tão instável», estes «não recitarão as Horas Canónicas em coro nem cantarão Missas ou Ofícios» (ABRANCHES, s.d.: §586). É um facto, também, que a Companhia de Jesus, tendo deixado inúmeros testemunhos da qualidade do seu pensamento em diversos campos científicos, parece ter revelado pouca ou nenhuma apetência para a música e raros são os resultados palpáveis neste campo, ou os nomes dos jesuítas que podemos relacionar com a música nos séculos XVII e XVIII em Portugal.

Na verdade, há uma contradição notável entre a citação acima mencionada e a prática que os textos literários revelam, não só em relação ao papel atribuído pelos jesuítas à música na evangelização, quer no Oriente quer na América do Sul, como no que respeita ao papel desempenhado por esta arte na vida das diferentes casas e colégios espalhados pelo território português. Do importante papel da música nos colégios portugueses é exemplo o extraordinário relato das festas realizadas pelos alunos do Colégio de Lisboa em 1619, aquando da recepção em honra de Filipe III de Espanha (LAVAÑA, 1622).

Dar a conhecer alguns aspectos da vivência musical, praticada pelos próprios membros da Companhia ou apenas organizada por eles com a colaborações dos alunos dos colégios ou de outras entidades civis ou religiosas, é o principal objectivo deste trabalho.

Os primeiros membros da Companhia de Jesus chegaram a Portugal em 1540. Eram eles Simão Rodrigues de Azevedo e Francisco Xavier e o seu destino era a Índia; enquanto não embarcavam, foram exercendo diferentes actividades com grande agrado da população que não queria deixá-los partir. Simão Rodrigues acabou por ficar em Portugal e fundar a primeira casa da ordem ainda no reinado de D. João III. A Companhia desenvolveu-se rapidamente em Portugal, fundando entre os séculos XVI e XVIII numerosas casas e três noviciados. Desde muito cedo, os jesuítas concretizaram em Portugal o seu objectivo de dar formação aos jovens e, para isso, criaram aulas de latim e depois de outras disciplinas em diversos colégios. O ensino era ministrado gratuitamente não só aos membros da ordem como aos filhos da nobreza e do povo. Para satisfazer as necessidades dos colégios, vários professores publicaram, principalmente no século XVII, diversos manuais que, pela sua qualidade, tiveram repercussão em toda a Europa (LAMBRINO, 1971: 589-90).

A actividade dos jesuítas na Europa e no Oriente foi reconhecido pela Santa Sé desde muito cedo. Os feitos heróicos e a santidade de alguns dos membros da Companhia levaram diversos Papas a elevar algumas das figuras mais significativas da ordem à dignidade de Beatos e, mais tarde, de Santos. Como se pode ver no quadro seguinte, entre o princípio do século XVII e meados do século XVIII, isso aconteceu várias vezes.

Nome	Nascimento	Morte	Beatificação	Canonização
Inácio de Loyola	1491	1556	1609 (a)	1622 (b)
Francisco Xavier	1504	1552	1619 (b)	1622 (b)
Francisco de Borja	1510	1572	1624 (c)	1671 (c)
Estanislau Kostka	1550	1568	1670 (a)	1726 (b)
Luís Gonzaga	1568	1591	1605 (a)	1726 (b)
João Francisco Regis	1597	1640	1716 (b)	1737 (b)

Fontes: (a) ausência de informação (b) informação específica (c) informação indirecta

As casas da Companhia espalhadas pelo mundo receberam as notícias da beatificação e/ou canonização dos membros da congregação com grande alegria, organizando vários tipos de celebrações para comemorar os acontecimentos. Em Portugal, as manifestações de regozijo foram múltiplas e suficientemente notáveis para terem suscitado a publicação de diversas descrições que vão desde o pequeno folheto ao livro com uma ou duas centenas de páginas, da obra anónima à obra de autor. Também os sermões proferidos na ocasião pelos diversos pregadores foram publicados bem como diversos poemas e epigramas, em português, castelhano ou latim, todos em honra dos novos Beatos ou Santos.

Até ao momento ainda não se encontraram textos referentes à totalidade das celebrações realizadas pelos jesuítas portugueses nestas ocasiões. Conforme se pode ver no quadro acima, o tipo de informação é variável. Para algumas das comemorações há documentação abundante (a negro na tabela) mas para outras, como a beatificação de Inácio de Loyola, por exemplo, apenas podemos dispor, por enquanto, de duas relações publicadas em 1610 em Sevilha e Salamanca relatando as comemorações nos colégios dessas cidades. Já no que diz respeito a Francisco de Borja, não se encontraram ainda descrições de festas pela sua beatificação ou canonização mas tanto em 1624 como em 1672 foram publicados sermões que, no próprio título, aludem às celebrações que então se fizeram em Évora, Coimbra e Lisboa.¹ Da mesma forma, não se encontraram relatos circunstanciados das festas relativas às beatificações de Estanislau Kostka e Luís Gonzaga. Por duas vezes, foram canonizados dois santos em simultâneo (Inácio de Loyola e Francisco Xavier em 1622; Estanislau Kostka e Luís Gonzaga em 1726), o que deu origem, como é natural, a celebrações conjuntas.

Como se pode ver na bibliografia, há várias publicações que contêm informação relativa a uma parte significativa das festas e, nomeadamente,

¹ *Sermão que pregou o Bispo de Fez, Dom Fr. Manuel dos Anjos em a festa de beatificação do glorioso S. Francisco de Borja no Colégio da Companhia de Jesus [...] de Évora em 26 de Novembro de 1624*, Évora, Manuel Carvalho, 1625; *Sermão de S. Francisco de Borja pregado pelo R. P. Fr. Manuel da Conceição [...] no célebre oitavário que fez o Colégio da Companhia de Jesus da Universidade de Évora à canonização do Santo, ano de 1672*, Lisboa, João da Costa, 1672; *Sermão na canonização do glorioso S. Francisco de Borja que pregou no primeiro dia do seu oitavário, de tarde [...] em o Real Colégio da Companhia de Jesus da Universidade de Coimbra o P. D. Gaspar dos Anjos*, Coimbra, Tomé Carvalho, 1672; *Sermão em o oitavário que celebraram em a Igreja de S. Roque [...] os religiosos da Sagrada Companhia de Jesus na Festa de canonização de S. Francisco de Borja [...] no ano 1671*, Coimbra, Viúva de Manuel de Carvalho, 1673.

várias referências à música que reflectem uma vivência musical muito rica nas casas e colégios dos jesuítas em Portugal. No entanto, é necessário salientar que todos os relatos dão particular relevo aos aspectos visuais das festas descrevendo com extraordinária minúcia as roupas, decorações, fogos de artifício, etc. Os outros aspectos, como os religiosos e, principalmente, os musicais são tratados num plano secundário. O conjunto das obras consultadas mantém alguma coerência narrativa entre si surgindo pontualmente, nos textos mais tardios, citações dos relatos anteriores e comparações entre os programas das festas o que permite comprovar a existência de um padrão estável na organização destas celebrações. As tabelas incluídas em anexo permitem comparar a estrutura de algumas dessas festas.²

A notícia da beatificação ou da canonização de um dos membros da Companhia de Jesus foi sempre comunicada directamente pelo Papa à sede provincial da ordem, situada em Lisboa, na casa de S. Roque. A informação foi depois transmitida a todas as outras casas e às autoridades civis e religiosas do reino (*Relações das sumptuosas festas*, 1622: 1v) ou directamente à casa real que, geralmente, manifestou de imediato o seu agrado pelo acontecimento (*Relação das festas*, 1717: 3). De uma maneira geral, no próprio dia ou nos dias que se seguiram à recepção da notícia, houve comemorações privadas que, em 1619, passaram pela realização de Vésperas cantadas «solenissimamente» (*Relação das festas*, 1621: A), e comemorações públicas que passaram pelo anúncio da notícia ao povo através do repique de sinos, fogos de artifício e iluminações públicas. No caso de João Francisco Regis foi necessário adiar estas primeiras celebrações por não haver retrato do novo beato; feito este a partir de uma estampa enviada pelo Papa, as celebrações realizaram-se no Domingo seguinte: o quadro foi colocado em S. Roque, abriu-se o sacrário e logo «princiou um coro de suaves vozes a lhe [ao Senhor] render graças, cantando o *Te Deum* o qual acabado e as orações deste acto, enquanto se cantou a antífona do santo, incensou o sacerdote ao santíssimo [...]» (*Relação das festas*, 1717: 4-5).

² Fizeram-se tabelas apenas para as festas em cuja descrição há um número significativo de referências musicais. O oitavário feito em honra da canonização de João Francisco Regis, p. ex., segue o modelo dos anteriores (sem triunfo), mas a descrição apenas menciona a música de passagem (*Voz em Roma e eco em Lisboa*, 1739).

Concluídas as celebrações privadas, a Companhia entendeu, logo nas festas de 1619, que era necessário celebrar um acontecimento desta importância «com as demonstrações de amor e alegria» que o santo merecia (*Relação das festas*, 1621: A). Esta atitude foi comum a todas as celebrações mas as festas foram organizadas com intervalos de tempo distintos: a maior parte foi-o no espaço de um mês mas situações adversas, como a fome que se vivia em Lisboa em 1622, levaram a adiar por quatro meses as festas da canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier (*Relações das sumptuosas festas*, 1622: 1v); a festa em honra da beatificação de Francisco Xavier foi mesmo organizada apenas um ano depois da chegada da notícia pois esta chegou a Lisboa pouco tempo antes do Natal e, talvez por isso, não foi possível celebrar o acontecimento «com as demonstrações de alegria que tal santo merece» (*Relação das festas*, 1621: A); além disso, alguns dos padres eram ainda de opinião que se devia esperar pela sua canonização para então fazer a festa (*Relação das festas*, 1621: A).

As festas realizadas em Lisboa em honra da beatificação de Francisco Xavier em Dezembro de 1620, parecem ter constituído o modelo para as que se seguiram. Esse modelo incluía diversos tipos de cerimónias que podem ser agregadas em três grupos. O primeiro grupo de celebrações incluía cerimónias de carácter puramente religioso: missas, vésperas e procissões. O segundo grupo compreendia as cerimónias de carácter semi-religioso constituídas essencialmente pelos triunfos e pelos aplausos, cortejos alegóricos nos quais se evocavam partes das vidas dos novos beatos ou santos; neste grupo podem incluir-se também as representações teatrais como a *Tragicomédia intitulada Santo Inácio* representada no Colégio de Évora em 1622 ou o «drama tragicomicum» *Regis coronatio* representado no Colégio das Artes de Coimbra em 1739; estas representações não foram feitas em simultâneo com as celebrações que abaixo se descrevem. O terceiro grupo de celebrações englobava as comemorações profanas, geralmente nocturnas, que se destinavam apenas ao divertimento do povo – eram constituídas essencialmente por cortejos acompanhados por danças e cantares, por vezes com algum carro alegórico, fogos de artifício, etc.

Celebrações religiosas

Para as celebrações de carácter puramente religioso, a Companhia organizou geralmente um grupo de cerimónias que se prolongavam ao longo de uma semana (oitavário), ou de apenas três dias (tríduo), realizadas na igreja de S. Roque em Lisboa ou nas igrejas dos colégios nas outras cidades. Os jesuítas reservavam para si o primeiro e o último destes dias ou apenas o último e convidavam diversas outras congregações para colaborarem nos outros dias. Cada uma das congregações providenciava não só todas as celebrações religiosas como também a pregação do dia e a música que devia acompanhar as cerimónias.

As diferentes descrições destas festas que chegaram até nós dão conta do apuro e da boa vontade que as diferentes ordens religiosas puseram no cumprimento da sua parte das comemorações, encarregando-se de «o assunto da solenidade das missas, músicas e sermões de todo o oitavário; o que tudo fizeram com uma perfeição mui conforme à sua muita caridade e à vontade que mostraram» (*Relações das sumptuosas festas*, 1622: 3). Também a Câmara Municipal de Lisboa, cuja ajuda foi pedida para a realização das procissões, manifestou o seu apoio, pondo ao dispor da Companhia os mesmos dispositivos que eram usados nas procissões por si organizadas, nomeadamente na do Corpo de Deus (SALGUEIRO, 1621: 59v; *Relações das sumptuosas festas*, 1622: 2).

As festas de 1622, realizadas para comemorar a canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier estão particularmente bem documentadas e são um bom exemplo da forma como decorreram as celebrações do oitavário. Com início marcado para o Domingo, dia 31 de Julho, festa de Santo Inácio, começaram na véspera, às três da tarde, em S. Roque, com repiques de sinos «charamelas e trombetas e mais instrumentos de alvoroço», saindo depois um cortejo de mascarados que percorreu as principais ruas da cidade com um trombeta à frente; este «de quando em quando ao embocar das ruas e lugares principais, tocava a trombeta com que chamava e alvoroçava a gente.» (*Relações das sumptuosas festas*, 1622: 4v-5v). Os religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco, que tinham a seu cargo as comemorações do primeiro dia, começaram as Vésperas e «as cantaram com muita solenidade de vozes e instrumentos» (*Idem*: 7). À noite houve comemorações na rua.

No primeiro dia do oitavário, foi celebrada missa em S. Roque «com grande solenidade e majestade e com singular música de vozes e instrumentos» (*Idem*: 7). Às três da tarde saiu uma procissão solene da Sé para S. Roque. No meio desta «iam muitas danças e bailes, chacotas, folias e outras invenções de festa e alegria, chamadas e obrigadas pelos senhores do Governo da cidade» (*Idem*: 8v). As ruas e as casas estavam profusa-mente ornamentadas; na Rua do Ouro havia um altar «e ao lado dele, em uma janela bem concertada, estava um terno de boas vozes e instrumentos que ao passar da procissão deu músicas aos gloriosos Santos causando a todos muita devoção.» (*Idem*: 8v-9).

Os outros dias do oitavário respeitaram um programa semelhante mas sem a procissão (ver quadro 2 do Anexo). A congregação convidada comparecia de manhã, celebrava a missa solene, almoçava no refeitório da casa de S. Roque, às três cantava as vésperas e recolhia-se ao seu convento. Não há comentários sobre a forma como os padres de St. Agostinho cantaram a missa e as véspera na segunda-feira, mas na terça-feira «vieram à casa os Religiosos da Santíssima Trindade que oficiaram e cantaram a missa com grande solenidade, e música de vozes e instrumentos em que são muito esmerados» (*Idem*: 11). Na quarta-feira compareceram os religiosos do Carmo «oficiando uma missa com grande solenidade de instrumentos e vozes que têm muito escolhidas» (*Idem*: 11v). O comentário é discreto, principalmente se se tiver em conta que, nesta época, Fr. Manuel Cardoso era o Mestre de Capela do Convento do Carmo de Lisboa.

As celebrações de quinta-feira estavam a cargo dos padres de S. Francisco da Observância. O cronista não faz comentários sobre a missa em particular mas diz que «às três da tarde cantaram as vésperas com a mesma solenidade que a missa, com música excelente de vozes mui escolhidas.» (*Idem*: 12). Na sexta-feira houve novamente missa solene oficiada pelos dominicanos. «À tarde, quando se quiseram ir, cantaram todos juntos, com muita devoção, de joelhos, diante do altar mor, uma Antífona com sua oração aos gloriosos santos» (*Idem*: 12). Não há referência a música nas cerimónias do último dia do oitavário, a cargo dos padres da Companhia.

Para além da colaboração pontual em alguns momentos das cerimónias, é, de facto, difícil encontrar referências à participação directa dos padres e irmãos jesuítas na música ao longo de cerca dos 100 anos que

estas comemorações abrangem. No entanto, os textos deixam transparecer a sua notável capacidade para organizar esse aspecto das celebrações. Para além da participação das outras ordens religiosas, que colaboraram em todas as festas, recorreram também às confrarias associadas à casa de S. Roque (*Relação das festas*, 1621: 3-3v) e em duas ocasiões está documentada a participação dos músicos da Capela Real. A primeira é em 1620 quando, no segundo dia das festas, por estar presente o Vice-Rei, a missa «foi oficiada lindissimamente pela Capela Real» (*Idem*: 4). O Mestre da Capela Real, nesta época, era Francisco Garro talvez já ajudado pelo seu futuro substituto, Filipe de Magalhães.

A segunda referência à colaboração dos músicos da Capela Real diz respeito às comemorações em honra da beatificação de João Francisco Regis, em 1717. O primeiro dia das festas ficou a cargo da congregação dos padres dominicanos que entrou em S. Roque em cortejo e «nesta forma cantou o *Te Deum*, com aquele igualmente grave que devoto canto gregoriano de que esta sagrada religião tão perfeitamente usa» (*Relação das festas*, 1717: 6). Também os padres da Santíssima Trindade entraram em cortejo em S. Roque, no segundo dia cantando «o *Te Deum* com suavíssimas vozes acompanhadas de bem temperados e igualmente bem tocados instrumentos» (*Idem*: 8). As cerimónias foram interrompidas e retomadas uns dias depois. No dia 16 de Agosto, as primeira Vésperas foram «cantadas pelos mais destros e singulares músicos da Capela Real e Corte, assistindo, por ordem de sua Majestade, as rabequilhas e aboazes de sua real capela, como também assistiram seus atabales e clarins todos os três dias e tudo debaixo do compasso do que por todo e em todo é reconhecido por mestre, o Reverendo Padre José Cardoso³ o qual, nesta tarde e em todas as ocasiões que lhe couberam neste tríduo, mostrou que sabia, como novo Apolo, dirigir vozes desmentidoras das fábulas de Orfeu porque se as deste só a irracionais constrangia, as daquele aos mais doutos e entendidos atraíam de modo que afirmavam todos que parecia quizeria Deus para a maior glória deste seu Bemaventurado servo, que as vozes com que os Anjos no céu o festejavam fizessem repetições nas gargantas dos que na terra o aplaudiam.» (*Idem*: 14)

³ Segundo Ernesto Vieira, para além desta referência, apenas existe no cartório da Irmandade de Santa Cecília um documento datado de 1702 onde se encontra o nome deste músico (VIEIRA, 1900-I: 205-06).

O rei, D. João V, tinha autorizado que as despesas de decoração da igreja saíssem do seu tesouro. No final do primeiro dia deste segundo tríduo, os operários trabalharam durante toda a noite, fechando o corpo da igreja com uma teia de madeira coberta de seda, fazendo uma espécie de coro para os «músicos e mais ministros da capela real» (*Idem*: 15). No dia 17, o segundo das festas, chegaram os cônegos da capela real. «Logo que sua Majestade chegou, incógnito [...] principiou a missa [...] e a cantou a música da capela real com aquele assombro e admiração com que se costuma fazer, na mesma capela em os dias mais solenes e com aquela disposição e vozes de instrumentos que se experimenta em todas as ocasiões em que o seu em tudo real mestre, o reverendo Padre Francisco de Carvalho,⁴ faz o compasso, como quem sempre põem tudo em real e boa solfa.» (*Idem*: 17)

Como se disse acima, os relatos das cerimónias religiosas feitas em outros anos ou noutras cidades repetem os modelos acima, tanto para as comemorações de três como para as de oito dias. Embora haja muitas referências à solenidade do canto ou à «sagrada pompa, acerto e excelencia de música» (*Voz em Roma*, 1739: 32), embora se distinga, nomeadamente nos textos do século XVIII, o recurso ao «canto gregoriano» ou à «solfa barcelonesa» (*Relação das festas*, 1717: 23), as informações não são suficientemente precisas para se poder identificar, para além dos casos acima apontados, qual o repertório executado ou quais os seus intérpretes.

Cortejos alegóricos

As festas de carácter semi-profano que, para além das procissões, acompanharam as celebrações religiosas em honra dos santos jesuítas parecem ter obedecido também a um padrão estrutural comum embora apareçam designadas nas fontes por nomes diferentes: aplauso geral, aparato triunfal, triunfo ou, simplesmente, festa.

Diogo Marques Salgueiro, na descrição que faz das festas de beatificação de Francisco Xavier, sente necessidade de definir o termo

⁴ Natural de Vila Viçosa, filho de João Rodrigues, serviu como moço da capela real por muitos anos, sendo aceite como cantor em 23.08.1685. Em 1698 servia na capela real há 23 anos e em 1707 há mais de 30. Em 1708 foi aceite como mestre dos músicos da câmara do rei por morte de António Marques Lésbio. Vieira afirma que foi mestre da capela real em 1717-1719 (VIEIRA, 1900-I: 227).

Triunfo, «novo para os ignorantes» (SALGUEIRO, 1621: f. 6), por ter havido pessoas que estranharam a ausência de cruzeiros, pátio e outros símbolos próprios das procissões no cortejo: «Triunfo [...] não é outra coisa que o solene acompanhamento com que o capitão vencedor entrava por Roma, levando diante os inimigos cativos e as imagens e despojos das províncias e cidades conquistadas e junto a si os amigos e parentes que lhe iam dando os vivas e parabéns da vitória.» (*Ibidem*) O confronto deste texto com um outro, anónimo (*Triunfo*, s.d.), permite traçar um quadro bastante preciso do empenho posto pelos alunos do colégio (e certamente pelos seus educadores) na sua realização.

O Triunfo em honra de Francisco Xavier saiu na sexta-feira, dia 4 de Dezembro de 1620, e foi a única celebração registada do quarto dia do oitavário do novo Beato. Saiu de S. Roque ao meio-dia, seguindo um percurso que ligou o largo da igreja ao Terreiro do Paço, terminando no Colégio de Santo Antão.⁵ Era constituído por oito quadrilhas onde participavam figurantes a pé e a cavalo e vários carros alegóricos com representações de passagens da vida do Beato.

O triunfo abria com charamelas e trombetas a cavalo e cada quadrilha, com excepção da última, era fechada por um grupo musical cuja constituição variava: na primeira, num estrado sobre uma carroça, iam «doze moços (dez, segundo SALGUEIRO, 1621: f. 10) vestidos à portuguesa alegrando a todos com uma bem concertada folia» (*Triunfo*, 1620: 2); Salgueiro (f. 10) chama a atenção para o estudante «que tocava o tambor que com ser de pouca idade o meneava e tocava com tanta ligeireza e graça que em todos causava grande espanto». Este autor transcreve os textos de duas das «cantigas [...] que no estilo e consonância arremedam as vulgares folias.» (*Ibidem*).⁶

A segunda quadrilha levava à frente um tritão que «tocava de quando em quando um búzio com que arremedava o som de trombeta.» (SALGUEIRO, 1621: f. 11) e era rematada por «quatro índios charamelas a cavalo» (*Triunfo*, 1620: 2v; SALGUEIRO 1621: f. 15v). A terceira terminava com uma trombeta bastarda (*Triunfo*, 1620: 2v).

⁵ «[...] rua larga do Loreto, porta de St. Catarina, Cordoaria velha, Calçada de S. Francisco, Tanoaria, Terreiro do Paço, R. Nova, Ourivesaria, R. dos Escudeiros, Rossio, R. da Graça e foi acabar no Colégio de S. Antão.» (SALGUEIRO, 1621: f. 6v)

⁶ *Incipit* dos textos: «Pérola mui bela [...]» e «Piloto da nau ligeira [...]».

No fim da quarta quadrilha, precedendo a entrada que fazia referência ao Japão, ia um «teatro armado sobre carroça, todo alcatifado com seus maineis, bem ornado ao redor, pelo qual tiram quatro cavalos. Vão nele seis meninos, em traje de japões, que, com toalhas pelo rosto e com leques nas mãos, dançam ao modo de sua terra: fazem-lhe o som outros três meninos com vários instrumentos (*Triunfo*, 1620: 3v). Salgueiro dá mais algumas precisões: os meninos «dançavam com mil enredos e com várias e extraordinárias mudanças ao modo que naqueles reinos se costuma. Faziam-lhe o som outros três meninos vestidos à japonesa, com alaúde, viola e pandeiro; o que foi muito aceite a todos e particularmente aos que por aquelas partes tinham andado que não faltam muitos nesta grande cidade vendo nela tanto ao natural a dança dos japões como se actualmente estiveram [sic] naquela província.» (SALGUEIRO, 1621: f. 25)

A quinta quadrilha levava outro carro onde estavam «seis meninos da santa doutrina vestidos em vários trajos, um deles em hábito de fradinho, outro leva a bandeira na mão, os outros levam instrumentos músicos a que cantam vários louvores do Santo» (*Triunfo*, 1620: 4). Neste caso, Salgueiro acrescenta apenas o texto, em castelhano, da «cantiga» (SALGUEIRO, 1621: f. 31v-f. 32).⁷

Na sexta quadrilha, um grupo de seis anjos, com vários instrumentos, faziam «um bem concertado coro de música» (*Triunfo*, 1620: 5v). Salgueiro (f. 38v-39) precisa que os anjos «com harpa, rabeca e rabecão cantavam suavissimamente [...]» e indica o texto do «mote» que cantavam.⁸

Por fim, atrás da sétima quadrilha, num carro imitando uma nau da Índia, iam, entre outros, «alguns marinheiros que, de quando em quando, dizem algumas cantigas em louvor do Santo» (*Triunfo*, 1620: 6). Salgueiro regista, mais uma vez que «quando cessavam de marear as velas davam princípio a esta cantiga com muita graça e melodia porque eram melhores cantores que marinheiros».⁹ Nenhum dos dois autores refere a existência de música na oitava quadrilha.

As festas realizadas em Lisboa aquando das celebrações da canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier em 1622 obedeceram a um modelo semelhante, mas tiveram, como se viu acima, uma espécie de prólogo de carácter mais espontâneo, pois os alunos do colégio

⁷ *Incipit* do texto: «El amor de los cielos [...]».

⁸ *Incipit* do texto: «Ó que nau pera viagem [...]».

⁹ *Incipit* do texto: «Xavier ao leme [...]».

percorreram a cidade «com uma trombeta bastarda diante e com a fama detrás riquissimamente vestida, tomaram a posta por meio da cidade indo pelas ruas principais, espalhando décimas e oitavas» (*Relação das sumptuosas festas*, 1622: f. 13). Os estudantes andaram pela a cidade durante dez dias, alegrando-a com o alvoroço que faziam e com «folias, danças e chacotas muito bem acordadas» (*Idem*: f. 14v).

Na sexta-feira, 5 de Agosto, sétimo dia do oitavário, saiu do pátio do colégio «a maior demonstração de alegria que porventura viu Lisboa em muitos séculos passados» (*Idem*: f. 15). O esplendor do *Aplauso geral* que os 1800 alunos do colégio fizeram teve grande repercussão na cidade e foi comparado, pelos mais velhos, às festas organizadas pela cidade aquando da entrada de Filipe III de Espanha em 1619 (*Ibidem*).

O texto descreve os oito aplausos que constituíam o cortejo, mas embora haja numerosas referências a música, estas são relativamente vagas: danças, «mudanças mui graves com músicas mui alegres» (*Idem*: f. 18v). A exploração dos aspectos extravagantes parece ter dominado este apaluso com representação de animais exóticos como a foca ou o armadilho. Como exemplo pode citar-se o momento em que as quatro partes do mundo «ordenaram uma formosa dança de aves que com as suas mudanças fossem alegrando a todos para a qual cedeu Europa duas águias, Ásia dois pavões, América dois papagaios e África uma ema que guiava a dança fazendo o som dos bugios [búzios?] com viola e pandeiro. Eram estas aves muito leves a respeito da grandeza e por isso um homem que ia metido em cada uma as meneava com facilidade, dançando com tanto aplauso do povo que nenhuma coisa receberam com maior alegria» (*Idem*: f. 21v-22). Apesar de tudo, há algumas indicações interessantes, sobretudo quando é dito que as artes mecânicas faziam as suas mudanças «ao som de violas e pandeiro» (*Idem*: f. 34v), enquanto as ciências «faziam uma fermosa capela de música na praça do carro. A Teologia [...] tangia uma harpa. A Filosofia [...] tocava um alaúde. [...] a Matemática [...] tocava uma viola. A Retórica [...] tangia uma rabequinha dourada. A Humanidade [...] tocava uma cítara e todas cinco cantavam excelentemente louvores dos Santos.» (*Idem*: f. 37v-38) Não é dito quais os instrumentos que as musas, representadas no mesmo aplauso, levavam nas mãos, dançando enquanto os tangiam (*Idem*: f. 34v-35). Em nenhuma parte do texto são referidos os versos que foram cantados.

Tanto as festas realizadas noutras cidades, nesta e noutras ocasiões, como o aparato triunfal feito em Évora em honra da canonização de Luís Gonzaga e Estanislau Kostka em 1726 deixam perceber organizações semelhantes às acima descritas. Na verdade, os pormenores pontuais permitem apenas supor a magnificência da música executada nestes cortejos, como se deduz da descrição do carro triunfante que rematava o primeiro aparato deste último cortejo: na parte superior do carro estava simbolizada uma aula. «No vão que debaixo de si formava esta formosa aula formava um gabinete também quadrado em que se tocavam bem temperados instrumentos cujas vozes se faziam fora perceptíveis por uma janela com sua gelosia cingida com plausível arte de galões de prata e armada com seu cortinado de velilho branco; ao som daqueles instrumentos acompanhava a melodia com que entoava o hino *Ave maris stella* um coro de meninos músicos que na praça do carro iam sentados e vestidos à trágica [...]» (*Aparato triunfal*, 1728: 20).

Embora existam bastantes menções a aspectos populares da música nos textos consultados, em caso algum elas são suficientemente explícitas para que se possam tirar conclusões seguras. No entanto, quando confrontadas com as referências às festas organizadas pela Câmara de Lisboa noutras circunstâncias, é possível encontrar, também aqui, um padrão comum: por um lado, os ternos de charamelas correm a cidade, chamando o povo para a festa e este responde com a sua presença, com a sua alegria e admiração, e com decorações nas janelas; por outro lado, as danças e cantares acompanham as procissões, por vezes com requebros que chegam a ser considerados impróprios para cerimónias de carácter religioso (OLIVEIRA, 1882: *passim*).

As descrições das festas realizadas em honra dos Beatos e Santos jesuítas nos séculos XVII e XVIII surgem perante o leitor actual como um retrato relativamente fiel de momentos de grandeza da vida religiosa do seu tempo e da forma prática como a Companhia os interpretou, com a ajuda de numerosas outras congregações e dos alunos dos colégios. O facto de os pormenores, nos casos em que há mais do que um relato para a mesma celebração, serem reproduzidos quase da mesma forma é uma boa referência quanto à fiabilidade destas fontes. Embora nestas relações de festas a música não seja tão valorizada como outros dos aspectos, é inegável que desempenhou nelas um papel fundamental. O confronto da

informação obtida até agora com elementos originários de outras fontes (nomeadamente dos relatos de festas ainda não encontrados) permitirá, eventualmente, confirmar os elementos recolhidos e ir mais longe na tentativa de conhecer melhor a prática musical seiscentista e setecentista no seio de uma das mais importantes instituições religiosas portuguesas da época.

Bibliografia

ABRANCHES, Joaquim Mendes (ed.), *Constituições da Companhia de Jesus*, Lisboa, s.d., 1975.

BARATA, António Henriques, *Da Arte dos Jesuítas e do Colégio de St. António o Novo*, Tese de Licenciatura (Faculdade de Letras), Lisboa, 1949.

Extracto da tragicomédia intitulada Santo Inácio: a matéria e a sua milícia [...] representada na Universidade de Évora em Julho de 1622, Lisboa, Geraldo de Vinha, 1623.

LAVAÑA, Joan Baptista, *Viage de la catholica magestad del Rey D. Filippe III, N. S. al reino de Portugal y relación del solene recebimento que en el se le hizo*, Madrid, Thomas Iunti, 1622.

LAMBRINO, Scarlat, «Jesuítas», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. 2, Joel Serrão (dir.), Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 589-599.

LUQUE FAJARDO, Francisco, *Relacion de la fiesta que se hizo en Sevilla a la Beatificacion del Glorioso San Ignacio fundador de la Compañia de Jesus*, Sevilha, Luis Estupiñan, 1610.

MIMOSO, João Sardinha, *Relación de la real tragi-comedia con que los padres de la Compañia de Jesus en su Colegio de S. Anton de Lisboa recibieron a la Magestad Catolica de Felipe II de Portugal y de su Entrada en este reyno con lo que se hizo en las villas y ciudades en que entró*, Lisboa, Jorge Rodrigues, 1620.

OLIVEIRA, Eduardo Freire de, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, 17 vols., Lisboa, Tipografia Universal, 1882-1908.

OLIVEIRA, João de, *Relação das festas com que o Colégio de S. Paulo da Companhia de Jesus da cidade de Braga celebrou Luís Gonzaga e Estanislau Kostka*, Lisboa, Oficina Patriarcal de Música, 1728.

PADESCA, Ana Luísa Balmori, *Os Jesuítas e a Música na Expansão Portuguesa Quinhentista*, Diss. de Mestrado (UL-FL), Coimbra, s.d.

Regis coronatio: drama tragicomicum in obsequium D. Joannis Francisci Regis [...], Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1739.

Relação das festas com que o Colégio e Universidade da Companhia de Jesus da cidade de Évora aplaudiu a canonização dos dois gloriosos Santos Luís Gonzaga e Estanislau Kostka em Novembro de 1727, Évora, Oficina da Universidade, 1730.

Relação das festas da Casa Professa de S. Roque da Cidade Ocidental nas canonizações de dois Santos: Luis Gonzaga e Estanislau Kostka, Lisboa, Manuel Fernandes da Costa, 1728.

Relação das festas do Colégio do Espírito Santo da Cidade de Évora na beatificação do venerável P. João Francisco Regis, Évora, Oficina da Universidade, 1717.

Relação das festas que os padres da Companhia de Jesus da casa professa de S. Roque em a cidade de Lisboa fizeram em a beatificação do beato padre João Francisco Regis, sacerdote professo da mesma companhia, Lisboa, Pascoal da Silva, 1717.

Relação do aparato triunfal e procissão solene com que os P.P. da Companhia de Jesus do Colégio de Évora aplaudiram publicamente aos gloriosos S. Luís Gonzaga e Stanislao Kostka da mesma companhia novamente canonizados pelo Santíssimo Padre Benedicto XIII, Évora, Oficina da Universidade, 1728.

Relação geral das festas que fez a releição da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal na canonização dos gloriosos Santo Inácio de Loyola [...] e S. Francisco Xavier [...] no ano de 1622, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1623.

Relação sumária das festas que em a canonização dos gloriosos Luís Gonzaga e Estanislau Kostka celebraram os Padres da Companhia de Jesus de Santarém, Lisboa, José António da Silva, 1728.

Relacion de las fiestas que la Compañia de Jesus haze en la ciudad de Lisboa a la canonizacion de San Ignacio de Loyola [...] y de San Francisco Xavier, comiençanse en 30 de Julio y acabanse en 7 Agosto, Lisboa, Geraldo da Vinha, 1622.

Relações das Sumptuosas Festas com que a Companhia de Jesus da Província de Portugal Celebrou a Canonização de S. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier nas casas e Colégios de Lisboa, Coimbra, Évora, Braga, Bragança, Vila Viçosa, Porto, Portalegre e nas Ilhas da Madeira e Terceira, Lisboa, s.e., 1622.

Sagrados obsequios, festivos cultos con que el Collegio de San Pablo de la Compañia de Jesus aplaudio las solemnnes canonizaciones de San Luis Gonzaga, estudiante y de San Estanislao Kostka, novicio de la mesma Compañia, Granada, Imp. de la Ss. Trinidad, 1728.

Triunfo com que o colégio de Santo Antão da Companhia de Jesus da Cidade de Lisboa celebrou a beatificação do Santo Padre Francisco Xavier da mesma Companhia. celebrou-se este triunfo sexta feira 4 do mês de Dezembro de 1620 anos Lisboa, João Rodrigues, s.d.

SALAZAR, Alonso de, *Fiestas que hizo el insigne Collegio de la Compañia de Jesus de Salamanca a la Beatificacion del Glorioso Patriarcha San Ignacio de Loyola [...]*, Salamanca, Viuda de Antunes Taberniel, 1610.

SALGUEIRO, Diogo Marques, *Relação das festas que a religião da Companhia de Jesus fez em a cidade de Lisboa na Beatificação do Beato P. Francisco de Xavier, segundo padroeiro da mesma companhia e Primeiro apóstolo dos reinos do Japão em Dezembro de 1620*, Lisboa, João Rodrigues, 1621.

VIEIRA, Ernesto, *Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Lambertini, 1900.

Voz em Roma e eco em Lisboa na canonização de S. João Francisco Regis, Lisboa, Oficina da Música, 1739.

Apêndice: resumo das festas realizadas

1. Beatificação de Francisco Xavier					
Data	Festa	C. Religiosas	C. Semi-religiosas	C. Profanas	Observações
1620.12.01	Oitavário – 1º dia (3ª feira)	Vésperas solenes		Fogo de art., charamelas	
1620.12.02	Oitavário – 2º dia (4ª feira)	Procissão; missa (Capela Real)		Tarde: danças e folias. Noite: fogo de art., cortejo, encamisadas.	
1620.12.03	Oitavário – 3º dia (5ª feira)			Máscaras, encamisada e cortejo a cavalo feitos pelos estudantes	
1620.12.04	Oitavário – 4º dia (6ª feira)		Triunfo que percorreu as ruas de Lisboa, feito pelos estudantes		
1620.12.05	Oitavário – 5º dia (Sábado)	Vésperas solenes		Chacota antes das Vésperas. Noite: fogo de art. e música de charamelas	
1620.12.06	Oitavário – 6º dia (Domingo)	Missa (Capela Real)	Diálogo (50 figuras) com música da Capela Real		
1620.12.07	Oitavário – 7º dia (2ª feira)				Colaboração dos padres irlandeses (não especif.)
1620.12.08	Oitavário – 7º dia (3ª feira)	Missa pontifical (cantada pela Capela da Sé); Vésperas solenes (cantadas por músicos de várias congregações)		Charamelas antes das Vésperas	Disputas de teologia
1620.12.09	Oitavário – 8º dia (4ª feira)	Missa solene (cantada pelos mesmos da véspera)			

2. Canonização de Inácio de Loyola de Francisco Xavier

Data	Festa	C. Religiosas	C. Semi-religiosas	C. Profanas	Observações
1622.07.30 (Lisboa)	Oitavário – 1º dia (Sábado)	Vésperas solenes (Religiosos da casa)	15 horas: charamelas e instr. de alvoroço; máscara em cortejo pela cidade	Noite: fogo de art., charamelas e trombetas	Há várias iniciativas dos estudantes que precedem estas festas
1622.07.31	Oitavário – 2º dia (Domingo)	Missa pontifical (O. Terceira de S. Francisco). 15 horas: procissão solene		Danças, bailes, chacotas e folias contratadas pela Câmara a acompanhar a procissão.	
1622.08.01	Oitavário – 3º dia (2ª feira)	Missa solene (Padres de St. Agostinho). 15 horas: Vésperas		Tarde: disfarces pelos alunos do colégio. Noite: luminárias, fogo de art., charamelas	
1622.08.02	Oitavário – 4º dia (3ª feira)	Missa solene (Padres da Ss. Trindade)		Noite: os mesmos foguetes e jogos (sem ref. a música)	
1622.08.03	Oitavário – 5º dia (4ª feira)	Missa solene (Ordem de N. S do Carmo)		<i>Idem</i>	
1622.08.04	Oitavário – 6º dia (5ª feira)	Missa solene (S. Francisco da Obser.). 15 horas: Vésperas solenes		Noite: luminárias ao som de trombetas e charamelas; fogo de art.	
1622.08.05	Oitavário – 7º dia (6ª feira)	Missa solene (O. de S. João Evangelista)	Aplauso geral que percorreu as ruas da cidade (1800 estudantes)	<i>Idem</i>	
1622.08.06	Oitavário – 7º dia (Sábado)	Missa solene (Dominicanos); à tarde, ao sair, antífona cantada		<i>Idem</i>	
1622.08.07	Oitavário – 8º dia (Domingo)	Missa não solene (religiosos da casa)		Noite: luminárias, charamelas e trombetas no adro da I. de S. Roque	

3. Beatificação de João Francisco Regis

Data	Festa	C. Religiosas	C. Semi-religiosas	C. Profanas	Observações
1716.08.16 (Lisboa)	Tríduo – 1º dia (Domingo)	Vésperas solenes, as 1 ^{as} (12 horas) cantadas e tocadas por músicos da C. Real. As 2 ^{as} em honra do novo santo		Luminárias e fogo de art. 3 ternos de charamelas e muitos clarins	
1716.08.17	Tríduo – 2º dia (2ª feira)	Missa (Capela Real). Vésperas: Te Deum e pregações (com a colaboração da Congr. da Ss. Trindade)		<i>Idem</i>	
1716.08.18	Tríduo – 3º dia (3ª feira)	Missa (Capela Real, Padres da Ss. Trindade). Tarde: Te Deum e Vésperas	14 horas: cortejo vindo de S. Domingos O coro e os músicos continuaram a tocar depois das Vésp. até ao encerramento do Ss.	Luminárias com clarins, trombetas e charamelas no Rossio	
1716.08.19	Tríduo – 4º dia (4ª feira)	Te Deum de manhã (Meninos órfãos). Missa «Barcelona» (Dominicanos). Vésperas em «canto gegoriano» (<i>idem</i>). Procissão percorrendo o Bairro Alto	Antes das Vésperas cantou o coro com os músicos	A banda do regimento de Infantaria acompanhou a procissão (atabales, clarins, trombetas e tambores)	